



VI Simpósio Nacional de  
**HISTÓRIA CULTURAL**  
Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

**FORJAR O TEMPO A MACHADADAS:  
GUERRILHAS SEMÂNTICAS, TERRORISMO LINGUÍSTICO E A  
“GERAÇÃO TORQUATO NETO”<sup>♦</sup>**

Fábio Leonardo Castelo Branco Brito \*

Edwar de Alencar Castelo Branco \*\*

1

Ele era um jovem envolto nas ciladas da linguagem. Permanecia distante, aparentemente afastado das coisas do mundo, da vida na prática. Buscava o lado subjetivo das coisas, suas marcas identitárias fragmentadas, seu corpo desvinculado do próprio corpo, seu pensamento ateando fogo nas palavras. Apesar de aparentemente apático, Torquato Neto permanecia vinculado aos homens e às artes de seu tempo. Compreendido como figura atuante na invenção da Tropicália (CASTELO BRANCO, 2005), incompreendido como figura lançada nas teias do mundo, alma revolta que jorra reflexos aos seus contemporâneos, espalha cerdas e estilhaços entre outros jovens, que

---

<sup>♦</sup> Este trabalho, realizado no âmbito do MHB/UFPI, parte dos esforços empreendidos no sentido de formatar a pesquisa “Torquato Neto e seus contemporâneos: vivências juvenis, experimentalismo e guerrilha semântica em Teresina”, sob orientação do Prof. Dr. Edwar de Alencar Castelo Branco.

<sup>\*</sup> Graduado em História (UESPI), é mestrando em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí. Membro do GT “História, Cultura e Subjetividade” (CNPq/Lattes) e bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior (CAPES). E-mail: [fabioleobrito@hotmail.com](mailto:fabioleobrito@hotmail.com).

<sup>\*\*</sup> Doutor em História (UFPE), professor do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí. Líder do GT “História, Cultura e Subjetividade”. Orientador da pesquisa em questão. E-mail: [edwar2005@uol.com.br](mailto:edwar2005@uol.com.br).

aparam com os dedos as palavras diluídas, e as recriam, ressignificando os signos do tempo e dos espaços, apropriando-se de dizeres fulgazes, remanejando a ordem das coisas... e tornando a vida um palco de experimentações.

Ao longo do tempo, especialmente em campos como a Comunicação Social, as Letras e a História, a produção acadêmica se dedicou às leituras a respeito de Torquato Neto, personagem atuante na história da cultura brasileira, especialmente no tocante à sua participação no que ficou conhecido como movimento tropicalista. Para além das inúmeras compilações de seus poemas (KRUEL, 2008) e demais escritos em coletâneas literárias (TAVARES, 2004), ou da biografia não autorizada, escrita por Toninho Vaz (2005), existiam, dentre outras, as monografias *O jornalismo de Torquato Neto*, de Glauco Cavalcanti de Araújo Luz (1995), e *Da fuga ao mito*, de Hermano Carvalho Medeiros (2009); bem como a dissertação de mestrado *Torquato Neto: uma poética de estilhaços*, de Paulo Andrade, publicada em formato de livro (2002). As referências em pesquisa sobre a participação do poeta, no âmbito contextual dos anos 1960, porém, reluzem nas referências bibliográficas que se iniciaram no âmbito de programas de doutoramento, dentre as quais ganham destaque os trabalhos *Pássaro de fogo no terceiro milênio*, de André Bueno (1987), *Um poeta na medida do impossível*, de Laura Beatriz de Almeida (1993), e *Todos os dias de Paupéria*, de Edwar de Alencar Castelo Branco (2005). Não é objetivo deste texto, no entanto, estabelecer uma leitura historiográfica a respeito do poeta, mas buscar uma observação das potências de sua arte, e das ressonâncias possíveis de sua obra, dentro de uma perspectiva de espaço-tempo que abarca a cidade de Teresina, especialmente nos primeiros anos da década de 1970.

A produção artística da década de 1970 reflete a diversidade de olhares sobre a sociedade brasileira, frente ao contexto sociopolítico e econômico do país. Como um calidoscópio, múltiplo de visões e possibilidades, a História se propõe a ver tais manifestações, embora interligadas ao contexto em questão, dentro de sua própria lógica, discutível nas amplas variações, construtora de linguagens, produtora de sentido e formuladora de comportamentos, os quais, por sua vez, possibilitam “ler” o mundo sob o juízo de um pensar suturado às diversas vertentes do real.

Partindo da construção de um sujeito pós-moderno, não mais centrado nos paradigmas de um ego burguês, postado frente ao “desbotamento das grandes temáticas do tempo, da memória e do passado” (PELBART, 2000, p. 11), a pesquisa em questão se propõe a discutir a existência de uma “geração cultural” no Piauí, observando a influência de Torquato Neto, enquanto irradiador de novas linguagens. Tal influência, possível de encontrar na produção fílmica, em tecnologia super-8, e na literatura alternativa, construída a partir de mimeógrafos, compõe um escopo de artístico, no qual os espaços praticados pela juventude se constituem em refletores de influências, multi-identidades e inovações nas armas semânticas.

Ponto de partida para a compreensão da “geração Torquato Neto” é a existência do conceito de *geração*. Discutido, no campo teórico, como uma “armadilha do tempo”, a geração perfaz um conjunto de possíveis leituras do passado. Como um “tempo em espiral”, no qual dá à luz a percepção das relatividades e singularidades humanas, consegue entrever matizes e diferentes vestígios de uma época. Uma vez que colabora com o historiador, em sua arte de forjar o passado, tal categoria conceitual pode ser analisada da seguinte maneira:

A geração existe, portanto, no território do historiador, ao mesmo tempo como objeto da história e como instrumento de análise. [...] Por um lado, seguramente a geração-padrão não existe: em nenhum caso podemos distinguir nela uma estrutura cronologicamente invariável, que transcende as épocas e os países. Por outro, e sem que haja contradição com a primeira observação, a geração é seguramente uma peça essencial, da “engrenagem do tempo”, mas cuja importância pode variar conforme os setores estudados e os períodos abordados (SIRINELLI, 2005, p. 137).

Partindo do conceito de geração, e da amplitude possibilitada por essa categoria, o trabalho observa os grupos produtores de cultura marginal no Piauí a partir da visão sobre si mesmo, e de suas obras, as guerrilhas semânticas e o terrorismo linguístico produzidas por sua concepção de destruição e ressignificação da linguagem, bem como daqueles que dele não faziam parte, observando o contexto urbano e cultural de Teresina por outras miríades. Dessa maneira, objetiva lançar um olhar múltiplo sobre o contexto social da época em questão, visionando transcender o político e o econômico, tratando a sociedade como objeto da cultura, e a linguagem como um lugares de acontecimento da História.

Sob as diferentes possibilidades de “ler” a cidade, Teresina encontrará uma multiplicidade de juventudes que praticará seus espaços. Os padrões se impõem e exercem sobre todos um conjunto de influências. As reações, no entanto, se mostram diferente perante os discursos produzidos por uma sociedade dividida entre o provincianismo e o deslumbramento com o novo. Concebendo-se como parte desse ambiente diverso, um jovem lança um olhar sobre o entorno, e sobre ele manifesta suas opiniões:

Eu cheguei a Teresina em 1975, começo de 76, com a intenção de prosseguir nos meus estudos... era um período em que eu me matriculei no Colégio Estadual Zacarias de Góes, pra estudar... o Liceu Piauiense... e prosseguir os meus estudos aqui em Teresina... eu que vinha do interior de Piracuruca. [...] Teresina era uma cidade provinciana, na minha opinião, à época, e ainda hoje, de certa forma, o é... e eu não me sentia diferente dos outros jovens, dos outros colegas, estudantes, dos outros amigos... e a maneira de me vestir, a maneira de me portar, era mais ou menos parecida com a grande maioria dos meus colegas, que eu convivia (BRITO, 2011).

A representação do jovem que chega à cidade em busca de progredir no estudo e no trabalho condiz com um modelo de juventude ancorado na cultura e nos valores de seus pais, “representativos da tradição familiar centrada no trabalho, na disciplina e na honra” (QUEIROZ, 2006, p. 285). Tal modelo padronizado, resultante da sociedade provinciana, encontra os primeiros focos de resistência, oriundos das influências trazidas pelas novas tecnologias: a música estrangeira, o cinema e a televisão irradiam novos comportamentos sociais, a princípio vistos com maus olhos pela sociedade que buscava a manutenção de seus padrões. A resistência às mudanças estéticas pode ser vista na observação de Castelo Branco (2005), ao analisar a ressonância que os longos cabelos masculinos poderiam causar em tal sociedade:

Ser cabeludo, neste momento histórico, não é, portanto, apenas fazer opção por uma estética com a qual o sujeito escolhe ornamentar seu corpo. É acima de tudo uma posição de sujeito que oferece tanto prazer quanto riscos. Usar cabelos compridos, no período, significa desinvestir na linha padrão de desejo e investir numa linha de fuga. O cabeludo é alguém que quer compreender uma *fuga identitária* (CASTELO BRANCO, 2005, p. 93, grifo nosso).

A “fuga identitária” observada no texto diz respeito à negação de uma identidade “fixa, essencial e permanente” (HALL, 1999, p. 12), procurando, assim, fugir

dos conceitos pré-estabelecidos, preconizando um novo “ser” da juventude, para além do ideal desejado pela família e pela sociedade. Essa nova maneira de se compreender enquanto jovem abrangia, também, praticar novos espaços na cidade, estabelecer *circuitos* de convivência, *pedaços* de sociabilidade, denotando os limites ante os demais grupos praticantes do espaço urbano, estreitamente ligados com a dinâmica com a qual se identificavam (MAGNANI, 2007, p. 15-22).

Castelo Branco (2007) observa que muitos espaços de convergência dos jovens praticantes da chamada “cultura marginal” se observavam em Teresina, dentre os quais o bar *Gelatti*, palco dos super-8 *Davi Vai Guiar* e *Miss Dora*. Considerando o espaço como um “lugar praticado” (CERTEAU, 1994, p. 202), tem-se a configuração de elementos constitutivos da identidade juvenil: a *guerrilha semântica*, travada entre os jovens e as linguagens dominantes, expressa através de rupturas com as práticas cotidianas padronizadas, e buscando a produção de novos sentidos. Nesse sentido, concordamos com Frederico Osanan Amorim Lima, quando este estabelece uma articulação conceitual entre estes jovens, suas táticas de enfrentamento aos padrões de realidade – vistos sob o viés foucaultiano da “sociedade disciplinar” – e as produções artísticas que emergiam do grupo. Dessa maneira, o autor analisa que:

Era precisamente contra o controle do tempo, do espaço, do movimento, a partir de “métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõe uma realidade de docilidade-utilidade”, que essa fração de juventude se juntava para combater. Era contra as determinações e ordem, contra o corpo disciplinado que acaba sendo constituído no exercício do poder, partindo em princípio do exterior do indivíduo para logo em seguida internalizar-se nele; iniciando-se com uma fiscalização diária que pode estar cristalizada em instituições bem como dentro das próprias relações familiares. E era efetivamente contra esse rigor que a juventude teresinense em questão articulava suas ideias de protesto (LIMA, 2007, p. 51).

A geração tratada no texto se formatava como um grupo de garotos, cuja idade variava entre o fim da adolescência e o início da vida adulta. Heterogeneamente constituída, tinha em seu interior uma gama de desejos e possibilidades latentes, que se manifestavam em níveis distintos, e que conduziam a uma tentativa múltipla de se observar para além dos padrões sociais estabelecidos. Essa ebulição de hormônios, cuja gradação me levou a pensar nas potências das atitudes comportamentais que motivavam

neste espaço de subjetividades fragmentadas, fez crescer minha inquietação a respeito das formas como tais jovens viram no experimentalismo artístico<sup>1</sup> uma alternativa para driblar as facetas conversadoras e romper com os ideais pregados por seus familiares, instituições políticas e eclesiásticas, em torno das quais nasceram e se criaram. A relação entre jovens e espaços constitui, na Teresina dos anos 1970, reflexos das produções artísticas, buscando forjar novas maneira de suturar-se com o real. No ensejo de destoar das padronizações, observa-se a influência de Torquato Neto, cujo espírito desafinador irradia posicionamentos juvenis rebeldes. O desarranjo de linguagens experimentado por Torquato é observado por Paulo Andrade, ao discutir a abertura do poeta a abranger diversas maneiras de se relacionar com os significados:

Todas as frentes estéticas a que Torquato aderiu apontam para a necessidade de experimentação de linguagem, como desejo vital de deixar registrado, de modo dramático e radical, o seu inconformismo. Aberto às novas experimentações, aderiu ao tropicalismo transformando-se num dos principais articulistas do movimento, no plano teórico, por meio dos manifestos e letras de música (ANDRADE, 2002, p. 184)

Dessa maneira, formula-se, através da arte, uma multiplicidade de influências culturais do poeta sob a forma de literatura ou cinema. Datam do início dos anos 1970 os primeiros referenciais cinematográficos do chamado “Espectro Torquato Neto”, além de peças de teatro ou obras poéticas, cuja composição geral seria chamada “Ciclo Marginal” (CASTELO BRANCO, 2007). Rodados em super-8, entre 1972 e 1974, figuram os filmes de jovens cineastas piauienses que, através da tecnologia de câmeras feitas para uso caseiro, denotam *guerrilhas semânticas*, símbolos que protestavam contra o tédio, em prol de uma nova onda comportamental: a erotização do corpo feminino (*Miss Dora*, 1974), os conceitos de guia e contra guia como condutores dos rumos sociais (*Davi Vai Guiar*, 1972), a subversão dos valores familiares (*Coração Materno*, 1974), dentre outros, difundidos entre jovens através de seus diretores e

---

<sup>1</sup> As expressões “experimentalismos artísticos” e “artes experimentais” são usadas neste trabalho em substituição à expressão “arte ou cultura marginal”, em vista de que entendemos a necessidade de, numa perspectiva de ampliação do olhar sobre tais práticas artísticas, entrevê-las para além de uma arte à margem, mas também, e principalmente, como experimentações juvenis, nas quais eram levadas às suas possibilidades de potência, manifestações como o cinema, a música, a literatura e o jornalismo.

protagonistas: Edmar Oliveira, Haroldo Barradas, Durvalino Couto, Claudete Dias, além do próprio Torquato Neto. Dentre tantas possibilidades de agir da juventude.

Personagem central de uma história das linguagens errantes no Brasil, é importante perceber que Torquato Neto é arauto de uma série de prescrições sociais lançadas aos seus contemporâneos. Seus se valem de uma relação profunda entre o homem (ele) e a linguagem com a qual trabalha. Transmite ao interlocutor a impressão de que *homem e linguagem* tornam-se um ente só, e que, pleno de linguagem, ele se configura a partir dela, e é com ela que se relaciona sua sensação de vida terrena. Dessa forma, a existência do poeta Torquato Neto se configura como uma constituição de linguagens errantes que o conformam, que o formatam enquanto ser e o tornam um sujeito agente e comunicador de suas impressões a respeito do mundo. Esta perspectiva de hibridismo que formata o poeta pode ser vista no fragmento onde este se coloca, ao mesmo tempo, na posição de ser composto por múltiplas linguagens, e como refém destas, dos “imprevisíveis significados” às quais estão sujeitas. É aqui que Torquato Neto aponta os devires de uma subjetividade que não se limita ao próprio papel, mas que se transforma, necessariamente, em uma condição de existência:

Quando eu a recito ou quando eu a escrevo, uma palavra – um mundo poluído – explode comigo e logo os estilhaços desse corpo arreventado, retalhado em lascas de corte e fogo e morte (como napalm) espalham imprevisíveis significados ao redor de mim: informação. Informação: há palavras que estão nos dicionários e outras que não estão e outras que eu posso inventar, inverter. Todas juntas e à minha disposição, aparentemente limpas, estão imundas e transformaram-se, tanto tempo, num amontoado de ciladas.

Uma palavra é mais do que uma palavra, além de uma cilada. Elas estão no mundo e portanto explodem, bombardeadas. Agora não se fala nada e tudo é transparente em cada forma; qualquer palavra é um gesto em sua orla os pássaros de sempre cantam nos hospícios. No princípio era o *Verbo* e o apocalipse, aqui, apenas uma espécie de caos no interior tenebroso da semântica. Salve-se quem puder.

As palavras inutilizadas são armas mortas e a linguagem de ontem impõe a ordem da linguagem de hoje. A imagem de um cogumelo atômico informa por inteiro seu próprio significado, suas ruínas, as palavras arreventadas, os becos, as ciladas. **Escrevo, leio, rasgo, toco fogo e vou ao cinema.** Informação? Cuidado, amigo. Cuidado contigo, comigo. Imprevisíveis significados. Partir pra outra, partindo sempre. Uma palavra: Deus e o Diabo (TORQUATO NETO, 1973, p. 23, grifo nosso).

Engendrado nas teias do próprio discurso, temendo perder-se nos “imprevisíveis significados” aos quais está submetido, a partir do momento que jorra em linguagem, Torquato Neto se expõe como praticante de uma ação de *terrorismo linguístico*, destruindo e ressignificando de códigos. A postura que adota, ao atentar contra os padrões mais tradicionais da estética dos signos, tem a configuração semelhante à dos “crimes da palavra”, como coloca Durval Muniz de Albuquerque Júnior, ao tratar das formatações discursivas a respeito de Menocchio e Pierre Rivière, réus por crimes na Europa dos séculos XVI e XIX, que receberam leituras historiográficas, respectivamente, pelas mãos de Carlo Gizburg e Michel Foucault. Para Albuquerque Júnior, em sua análise a respeito das posturas discursivas dos personagens frente às acusações, “Menocchio, como Rivière, era um criminoso da palavra [...] ele teima em disparar suas palavras-balas, suas flechas enunciativas, que afetam o coração da ortodoxia religiosa e seu aparato institucional” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p. 104). Torquato Neto, tal qual Menocchio perante as acusações da inquisição,<sup>2</sup> é um descobridor de ciladas presentes nas palavras. O universo linguístico se mostra, para ele, como um campo minado, com palavras potencialmente explosivas e destrutivas. Nesse sentido, têm também o poder de mutação, na qual se retransformam, impondo-se posturas novas às antigas, resultantes de uma nova cópula linguística. Como Pierre Rivière, que degolara a mãe, o irmão e a irmã<sup>3</sup>, Torquato Neto vê no ato de destruição a única forma de reverter as ciladas impostas pela linguagem: “escrevo, leio, rasgo, toco fogo e vou ao cinema”.

Uma vez pensando o grupo em questão como uma geração, pretendemos dizer não que havia coesão em suas atitudes, ou que as peripécias por eles praticadas tivessem um sentido em si, uma leitura focal e um conceito que as definisse. Pelo contrário, a *geração*, nesse contexto, aparece como uma forma de concebê-los no caráter fragmentário sob o qual eles próprios se conformaram, em suas falas escritas, ditas ou

---

<sup>2</sup> Menocchio, moleiro italiano cujo processo inquisitorial é tratado na obra de Ginzburg, utiliza-se da arma discursiva, e explora suas potências – tanto as favoráveis quanto as contrárias a ele – para tentar defender-se das acusações que sofria por parte do Tribunal do Santo Ofício.

<sup>3</sup> O personagem observado na obra de Michel Foucault é acusado pelo crime de assassinato dos membros de sua família. O autor coloca que este, em seu julgamento, se nega a colocar-se no lugar de passividade reservado ao camponês de seu tempo. A perspectiva adotada é a de desconstrução da imagem tradicional da sociedade burguesa do século XVII, onde o personagem não se deixa conduzir pela teia discursiva dos julgamentos tal qual estes aconteciam, reagindo e fazendo-se ouvir.



filmadas. Assim, percebendo a delicadeza com a qual há necessidade de se portar esse conceito em História, mas também entendendo que ele não guarda em si uma carga de limitações, mas sim de possibilidades, percebemos o grupo que formatou vivências e artes experimentais, sob uma estética do desbunde, na Teresina nos anos 1970 como um grupo “de geometria variável”, que apresenta plasticidade igualmente vertical em relação ao tempo (SIRINELLI, 2005, p. 133). Compreender o referido grupo sob a formatação de “Geração Torquato Neto”, conceito forjado no interior da dissertação de mestrado de Frederico Osanan Amorim Lima (2007), da mesma maneira, também não tenta dizer que havia em Torquato uma tentativa ou vontade de arrebanhar seguidores, de ser o guru de uma época. As relações entre eles foram nascendo de maneira a constituir bem mais uma parceria artística e pessoal que uma hierarquia conceitual, dentro da qual, se porventura existisse, necessitaria a discussão sobre a importância de mais nomes, como os de Arnaldo Albuquerque, que, além de instaurar a maior parte das práticas comportamentais desviantes do grupo, foi também o quadrinhista das produções alternativas das quais participou e o mentor técnico das produções em super-8, “tornando-se importante ícone de protesto e irreverência” (NOGUEIRA, 2010, p. 06), ou mesmo Antonio Noronha, que, médico formado e professor da Universidade Federal do Piauí, abrigava e incentivava, moral e financeiramente, boa parte das produções estartadas pelo grupo.

Partindo de discussões, dentro e fora do ambiente acadêmico, de leituras literárias, fílmicas e jornalísticas, da música piauiense que se concebe para além dos marcos temporais de vivências que iniciaram este trabalho, uma das primeiras conclusões a que ele chega é de que a “Geração Torquato Neto” existe, dentro do território linguístico no qual ela se insere, partindo, principalmente, da ideia de que sua formatação não aconteceu no momento em que se forjou, mas *a posteriori*. Torquato como parte essencial das construções experimentais em Teresina, e dar-lhe o estatuto de “figura referencial” de uma geração, foi uma empreitada à qual esse trabalho se propôs, em vista de que a ele se pode atribuir grande parte das dicas existenciais que formataram novas vivências nos anos 1960 e 1970, seja como membro do que viria a ser chamado de Tropicália, seja como enunciador, no Piauí, das produções em super-8, ou seja, ainda, como figura que, perambulando por diversos espaços do Brasil, jorrou a respeito deles suas ideias. Figura multifacetada, em influências e contradições pessoais,

Torquato ganhou forma no discurso do outro, o outro com quem viveu/conviveu, com quem praticou a vida ou a arte, a quem, subjetivamente, influenciou. Involuntariamente, sem sentir e sem se conceituar como coisa alguma, Torquato apresentou-se tanto como alguém “à margem da margem da margem” (PIRES In: TORQUATO NETO, 2004, p. 22) quanto como uma figura para além de todas as vanguardas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Filmografia

CORAÇÃO MATERNO. Direção: Haroldo Barradas. Teresina, 1973, son., color., 14 min.

DAVI VAI GUIAR. Direção: Durvalino Couto Filho. Teresina, 1972, son., color., 18,5 min.

MISS DORA. Direção: Edmar Oliveira. Teresina, 1974, son., color., 13 min.

O TERROR DA VERMELHA. Direção: Torquato Neto. Teresina, 1972, son., color., 28 min.

### Entrevista

BRITO, Francisco Augusto de Oliveira. *Entrevista concedida a Fábio Leonardo Castelo Branco Brito*. Teresina: 05 jun. 2011.

### Livros

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Menocchio e Rivière: criminosos da palavra, poetas do silêncio. In: \_\_\_\_\_. *História: a arte de inventar o passado*. Ensaios de teoria da história. Bauru: Edusc, 2007. p. 101-112.

ALMEIDA, Laura Beatriz de. *Um poeta na medida do impossível*. 1993. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

ANDRADE, Paulo. *Torquato Neto: uma poética de estilhaços*. São Paulo: Annablume, 2002.

BEZERRA, José Pereira. *Anos 70: Por que esta lâmina nas palavras? (Antiéstética marginal & geração mimeógrafo no Piauí)*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1993.

BUENO, André. *Pássaro de fogo no terceiro milênio: o poeta Torquato Neto, modernidade romântica, revolução tropical e linguagem da margem*. 1987. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. *Todos os dias de Paupéria: Torquato Neto e a invenção da Tropicália*. São Paulo: Annablume, 2005.

\_\_\_\_\_. Táticas caminhanças: cinema marginal e flanâncias juvenis pela cidade. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 27, n. 53, jan/jun 2007. p.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1 – Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

LIMA, Frederico Osanan Amorim. *Curto-circuitos na sociedade disciplinar: super-8 e contestação juvenil em Teresina (1972-1985)*. 2007. 121 p. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí.

LUZ, Glauco Cavalcanti de Araújo. *O jornalismo de Torquato Neto: aspectos formais e de conteúdo*. 1995. Monografia (Bacharelado em Comunicação Social) – Departamento de Comunicação Social, Universidade Federal do Piauí.

KRUEL, Kenard. *Torquato Neto ou A Carne Seca é Servida*. Teresina: Zodíaco, 2008.

MAGNANI, J. C. Introdução – Circuitos de jovens. In: MAGNANI, J. C.; SOUZA, B. M. (Org.). *Jovens na metrópole: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade*. 1. ed. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.

MEDEIROS, Hermano Carvalho. *Da fuga ao mito: a construção do mito cultural Torquato Neto*. 2009. 56 p. Monografia (Licenciatura Plena em História) – Campus Clóvis Moura, Universidade Estadual do Piauí.

NOGUEIRA, Cícero de Brito. *Sem palavras: humor e cotidiano nas histórias em quadrinhos de Arnaldo Albuquerque*. 2010. 320 p. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí.

SIRINELLI, Jean-François. A geração. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Coord.). *Usos & abusos da história oral*. 6. ed. São Paulo: FGV, 2005. p. 131-137.

TAVARES, Zózimo. *Sociedade dos poetas trágicos: vida e obra de 10 poetas piauienses que morreram jovens*. Teresina: Gráfica do Povo, 2004.

TORQUATO NETO. *Os últimos dias de Paupéria*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1973.

VI Simpósio Nacional de História Cultural  
Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar  
Universidade Federal do Piauí - UFPI  
Teresina-PI  
ISBN: 978-85-98711-10-2

\_\_\_\_\_. *Torquatália*: obra reunida de Torquato Neto. v. I. Do lado de dentro.  
Organização: Paulo Roberto Pires. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

VAZ, Toninho. *Pra mim chega*: a biografia de Torquato Neto. São Paulo: Casa Amarela, 2005.